MANUAL DO PROFESSOR

A PALAVRA MÁGICA

Moacyr Scliar

Organização pedagógica
Maria José Nóbrega

avalia educacional

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

"O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?[1]"

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "Trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

> *Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".*[2]

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

[1] *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.
[2] *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

Arquivo do autor

Um pouco sobre Moacyr Scliar, o autor de *A palavra mágica*

Moacyr Scliar, gaúcho de Porto Alegre, onde nasceu em 1937, foi escritor e médico especialista em saúde pública. Autor de mais de 75 livros, alguns deles já traduzidos em diversas línguas, recebeu prêmios literários como o Jabuti, o APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), o da *Casa de las Americas*, entre inúmeros outros. Sua obra abrange contos, crônicas, ensaios, romances e literatura juvenil. Foi colaborador de diversos órgãos da imprensa e teve textos adaptados para cinema, teatro, tevê e rádio. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Faleceu em 27 de fevereiro de 2011, em Porto Alegre, mas continuará para sempre vivo em livros como *A palavra mágica*.

A OBRA

O livro *A palavra mágica*, que é uma novela – uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa) –, conta a história do reencontro afetivo entre um neto e seu avô, e a busca de uma senha perdida, que possibilita o ganho de uma grande fortuna. Tudo começa com um debate entre Pedro, um menino de 14 anos, e seu pai sobre o avô, Lucídio, um senhor rabugento e amargo que guarda um grande segredo.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Ao lermos o título *A palavra mágica*, ficamos nos perguntando que palavra é essa: seria tal como aparece nos contos maravilhosos que ouvimos desde crianças? Diferentemente dessa hipótese, ao contar a história do intratável Lucídio, brigado há muito com a família e reconduzido ao afeto familiar pela disponibilidade amorosa de seu neto Pedro, o autor vai nos revelando aos poucos os múltiplos significados da "palavra mágica". Ficamos sabendo que, apesar de toda palavra mágica possuir poderes extraordinários, nessa história trata-se de uma palavra comum, tão comum que "quer partilhar a vida com os outros", ou seja, conviver com as outras palavras, com as quais forma frases e as frases formam uma história. Pois não é que existe magia em cada história contada? Porque "quando o escritor sabe contar uma boa história ele mexe com a gente, não é mesmo? É como se a gente estivesse vivendo outra vida, a vida das personagens". Mas não só. Na vida diária tecemos laços de pura magia: por exemplo, dar o nome de "Nossa Amizade" a uma capivara como se quisesse selar a relação fraternal entre dois amigos, assim como decidir que esse nome seria a senha para garantir a divisão da fortuna ganha por ambos na loteria. Também Pedro, ao entrar na loja onde encontra Soninha, sente-se tocado pela magia do amor e sua emoção "podia comparar-se à de Ali Babá entrando na caverna onde estavam os tesouros". Se, por fim, o esquecimento da senha fez o avô perder o dinheiro, ao mesmo tempo lhe abriu o mundo para outras riquezas: o encontro com a palavra escrita, quando aprendeu a ler e a escrever, podendo então descobrir cada vez mais palavras novas e, depois, quando se aproximou do neto e da própria família.

A propósito, lembremos o que disse o filósofo francês Georges Gusdorf: "A linguagem fornece a senha de entrada no mundo humano". Portanto, pelas palavras mergulhamos dentro de nós mesmos e nos relacionamos com os outros, dando ocasião à magia do encontro. Mas, se não tentarmos decifrar os enigmas da própria vida, poderemos permanecer à margem dela. Por isso, cada pessoa tem de descobrir sua palavra mágica.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela.
Componentes curriculares: Língua Portuguesa, História, Geografia, Filosofia.
Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; vida familiar e social; diversidade cultural.
Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.